

Idealização da infância: quem é a criança que nos aguarda na escola atual?

Childhood idealization: who are the children that wait for us in the present school?

Mical de Melo Marcelino¹
João Paulo Miros Neves²
Amanda Matias de Souza³
Maria Alice Lunardi⁴

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo se debruçar sobre as concepções de infância existentes a partir do século XII até os dias atuais e, sobretudo, procurar compreender quem é a criança que nos espera na escola atual. O tema central do estudo é a idealização da infância, explorando como diferentes percepções sobre ela se desenvolveram ao longo do tempo, considerando inclusive as influências do mundo digital sobre tal concepção. Para tal desenvolvimento, além de buscas sobre o tema na literatura especializada (Ariès, 1981; David Buckingham, 2007), analisamos dados coletados durante as vivências de duas *pibidianas* no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) - subprojeto Educação Física/Pedagogia e registrados em seus cadernos de campo, no período de fevereiro a dezembro de 2023. Buscamos explorar, nesses materiais, indícios de possíveis influências que tem atravessado o "ser criança" na contemporaneidade e refletir sobre a possibilidade de que esses atravessamentos tenham efeitos sobre o desenvolvimento infantil e os processos de aprendizagem. Dentre tais influências, foi possível perceber, a prevalência das mídias sociais e seu uso excessivo por parte das crianças, sobre outras formas de entretenimento e formação de opinião.

Palavras-chave: Infância; Contemporaneidade; Cultura digital, Desenvolvimento, Aprendizagem

Abstract

This study aims to explore the conceptions of childhood from the 12th century to the present day, focusing on understanding the identity of the child who attends today's schools. The central theme of the research is the idealization of childhood, examining how different perceptions of childhood have evolved over time, even including the influence of the digital world on these perceptions. To achieve this, the study draws on specialized literature (Ariès, 1981; David Buckingham, 2007) and analyzes data collected from the experiences of two participants in the Institutional Program for Teaching Initiation (PIBID) in the Physical Education/Pedagogy subproject, recorded in their field journals between February and December 2023. The research seeks to identify possible influences that have shaped the contemporary notion of "being a child" and to reflect on how these influences may affect child development and learning processes. Among these influences, the study highlights the

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do curso de Pedagogia do ICHPO na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: mical.marcelino@ufu.br

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da Rede Estadual de Minas Gerais. E-mail: joao.neves@educacao.mg.gov.br

³ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: amanda.matias@ufu.br

⁴ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: malunardi@ufu.br

prevalence of social media and its excessive use by children over other forms of entertainment and opinion formation.

Keywords: Childhood; Contemporaneity; Digital culture; Development, Learning

1. Introdução

Este artigo apresenta-se como resultado das atividades de observação realizadas na primeira etapa do subprojeto Educação Física/Pedagogia, do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), no período de fevereiro a dezembro de 2023. A proposta deste subprojeto interdisciplinar foi vivenciada por estudantes do curso de Educação Física da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FAEFI), em conjunto com as alunas do curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO), ambos ofertados pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Neste trabalho, trataremos dos dados coletados por duas integrantes desse subprojeto, alunas do curso de Pedagogia. Essas bolsistas e outras seis colegas foram destinadas para uma escola do município de Ituiutaba que, geograficamente, está situada em uma região central dessa cidade. Atualmente, essa instituição atende alunos dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, distribuídos nos turnos matutino e vespertino, totalizando 722 matrículas.

Em virtude da configuração interdisciplinar do projeto, na escola em questão, as *pibidianas* ficaram sob a supervisão de um dos professores de Educação Física locados na escola parceira. Nesse contexto, acompanharam e observaram semanalmente, a cada dois dias, as aulas desse professor, que trabalha com, aproximadamente, 140 crianças de idades entre 7 e 11 anos, faixa etária correspondente aos alunos de 1º ao 4º ano da primeira etapa do Ensino Fundamental.

As vivências e as constantes observações nos aproximaram da cultura infantil, e nessa oportunidade dois aspectos nos chamaram a atenção: em primeiro lugar, um aparente descompasso entre o imaginário de criança e infância trazidos pelas bolsistas do projeto e; em segundo lugar, o consumo dos produtos veiculados pelas mídias digitais e sua possível influência sobre ações e falares dos alunos. Diante disso, objetivamos identificar indícios de possíveis influências que tem atravessado o ser criança na contemporaneidade e refletir sobre a possibilidade de que esses atravessamentos tenham efeitos sobre o desenvolvimento infantil e os processos de aprendizagem. Tais reflexões nos pareceram necessárias, no sentido de melhor

conhecer o público com o qual, na prática pedagógica, iremos desenvolver a relação professor-aluno.

Vale lembrar que a infância foi sendo construída como uma categoria social e específica, tendo suas necessidades especiais e características próprias decorrentes de um longo processo histórico.

Na atualidade, a infância é considerada como um período de grande importância para o desenvolvimento humano, porém nem sempre foi assim. Como discorreu Ariès (1981) em uma de suas obras, a infância não era vista como uma fase particular e as crianças eram consideradas pequenos adultos em formação. Atualmente, são considerados sujeitos de direitos, com necessidades e desejos próprios que devem ser respeitados, trabalhados, desenvolvidos e habilitados da melhor forma com a mediação dos adultos. Essa infância atual foi inserida na expansão do mundo tecnológico, fazendo com que algumas concepções relacionadas à infância se transformem de maneira simultânea com o constante avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, que são considerados os aparelhos mais influentes do mundo atualmente.

Neste trabalho utilizamos como base para as discussões sobre a infância as contribuições de Ariès (1981), enquanto que para tratarmos da infância inserida na era digital nos associamos à Buckingham (2007). Além desses, outros autores também contribuíram com a construção teórica desse estudo, dentre eles, Sarmiento (2005), Melo (2020), Marangon (2011) e outros. No que se refere a metodologia adotada, seguimos os caminhos da pesquisa de abordagem qualitativa de caráter descritivo, de modo que as observações registradas nos cadernos de campo das bolsistas serão problematizadas a partir de seus significados (Minayo, 2007).

Esse artigo organiza-se em quatro seções que se complementam. Inicialmente, o tema objeto desse estudo foi desenvolvido na primeira seção, denominada “Infância: uma construção social”, na qual discorreremos sobre a concepção de infância a partir de algumas teorias. Na segunda seção “Mundo digital: oponente ou aliado”, discutimos alguns aspectos relativos ao mundo digital e a sua influência na vida das crianças. Na seção destinada à análise, nos dedicamos a interpretar os dados selecionados dos cadernos de campo das *pibidianas*, que evidenciam algumas características da criança que hoje está na escola. A partir desses dados, procuramos localizar alguns aspectos do “ser criança” na atualidade. Em seguida, na última seção,

procedemos às considerações finais, a começar pela retomada das informações centrais levantadas no decurso do texto.

2. Infância: uma construção social

Para compreender como o conceito de infância com o qual lidamos na atualidade chegou a esse termo, foi necessário apresentar um panorama das concepções de infância, a começar pelo século XII até os dias atuais. Vale ressaltar que o que entendemos por infância, concorda com a definição de Fernandes e Kuhlmann Júnior (2004, p. 29), que apontam: “[...] a infância é um discurso histórico cuja significação está consignada ao seu contexto e às variáveis de contexto que o definem”. Sendo assim, as influências sociais e ideológicas de cada período deram vazão para que a humanidade pudesse construir ideias particulares de infância, das quais não se podem desenvolver interpretações anacrônicas.

A começar pela etimologia da palavra infância, Sarmiento (2005, p. 368) destaca o sentido negativo que o próprio nome sugere de que a infância é a idade do não-falante. A condição de infante como alguém de discurso não consolidado, por si só, já o distingue e segrega do mundo social.

Essas significações negativas sugeridas pelo termo infância, promovem um intercâmbio com a obra de Ariès (1981) que tomou como ponto de partida a sociedade medieval. O autor afirmou que nesse período e contexto, o sentimento de infância, “[...] essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia” (Ariès, 1981, p. 99). Nesse período, a infância era a idade do não falante, pois era desconsiderada desde a mais tenra idade, em razão da incidência de mortalidade infantil por razões sanitárias ou até mesmo infanticídios, muitas vezes cometidos pelos próprios pais. Àquelas que superavam esse período de fragilidade e perigo, ao tornarem-se independentes de suas mães ou avós eram inseridas no mundo dos adultos, portando-se como eles, de maneira rígida desde as vestes ao comportamento e às atitudes. Eram percebidas como adultos em miniatura (Ariès, 1981).

Ariès na obra “História Social da Criança e da Família”, da qual nos servimos, a partir de seu objeto de pesquisa (criança e família), desenvolveu suas teses referenciando-se em monumentos, registros de batismo, diários de família, túmulos e

principalmente imagens iconográficas. Por sua principal fonte de pesquisa - a iconografia -, o historiador analisa que:

No século XVII, entretanto, a criança, ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguia dos adultos (Ariès, 1981, p. 70).

Essa diferenciação de trajes tendo em vista uma sociedade em que a exterioridade era aspecto importante, torna evidente a mudança de mentalidade e atitude com relação às crianças desde meados do século XVI. Emergiu nesse período um novo sentimento de infância, “em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de ‘paparicação’” (Ariès, 1981, p.158).

O sentimento de paparicação nos conteúdos de músicas e bilhetes analisados por Ariès (1981) foi duramente criticado por moralistas do fim do XVI e início do século XVII. A oposição a esse sentimento, deveu-se à não aceitação da ideia de que a criança fosse instrumento de distração o que consequentemente às permitia fazer o que quisessem. Desse modo, “não se considerava mais desejável que as crianças se misturassem com os adultos, [...] sem dúvida porque essa mistura permitia que fossem mimadas e se tornassem mal-educadas” (Ariès, 1981, p. 161). A difusão dessa perspectiva e postura dos moralistas é que ambientou a formação de outro sentimento de infância. A emergência desse novo sentimento baseou-se no âmbito psicológico e moral, pois os moralistas viam nas crianças criaturas divinas e era preciso conhecê-las para que pudessem ser corrigidas/disciplinadas.

No contexto desse novo sentimento ligado às questões psicológicas e morais, a sociedade do final do século XVII, também sob influências da revolução industrial, conheceu a formação de três novos espaços: as fábricas como o local do trabalho; a escola como o lugar da aprendizagem; e a casa, como o local de vínculo e afetividade familiar, em que as crianças deixam a condição do anonimato e tornam-se o centro das atenções da família.

Quanto às concepções até aqui apresentadas, é necessário evidenciar que as análises de Ariès (1981) se inscrevem ao contexto da Europa Ocidental, mais restritamente às famílias francesas e abastadas. Tornar essa informação um destaque é importante, pois outras localidades, como o Brasil, não compartilhavam do mesmo cenário que a sociedade francesa da época. Porém, se utilizamos as contribuições de

Ariès (1981) como fundamento básico para referenciar esse tópico é em razão da historicidade que nos encaminha a compreender que mesmo em tempos históricos diferentes a construção da concepção de infância no Brasil recebeu influência das concepções europeias anteriormente apresentadas, devido a invasão do “Novo Mundo” em 1500 e com a educação imposta pelos jesuítas.

Sem ressaltar as nuances que atravessaram a construção do conceito de infância no Brasil, tanto na Europa quanto no contexto brasileiro - ainda que tempos mais tarde, é possível afirmar que aos poucos, surgiu a consciência da particularidade infantil, a diferenciação da criança (e dos cuidados que inspira) em relação ao adulto e a preocupação em transformá-la em cidadão de bem, por meio de uma educação moralizadora (Melo, 2020, p.1).

Foi em vistas dessa consciência da particularidade infantil, que no contexto brasileiro os movimentos sociais do século XX que lutavam pela redemocratização do país (após os vinte anos de regime militar que centralizou o poder nas mãos dos militares) também se manifestaram em prol de um olhar legislativo direcionado à infância, uma vez que desde a primeira metade dos anos 80 “[...] essas organizações sociais já se opunham a desumanização, bárbara e violenta que se encontrava submetida a infância pobre no Brasil; a omissão e ineficácia das políticas sociais e das leis existentes” (Santos, 1998, p 143). Em decorrência das pressões populares, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, os direitos à população infantil são percebidos nos artigos 203, 204, 208 e 227. Especificamente este último apresenta o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, a proteção contra toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão como sendo deveres da família, da sociedade e do Estado (Brasil, 1988).

Não distante de reivindicações das forças populares, em 13 de julho de 1990 foi sancionado o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), principal instrumento normativo do Brasil quanto aos direitos infantojuvenis. Integrando os avanços da Convenção sobre os Direitos da Criança, aprovado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e reafirmado por 196 países em 1989, esse estatuto foi criado para apresentar caminhos que efetivem o que é citado no artigo 227. Desde então, “[...] crianças e adolescentes são vistos como sujeitos de direitos,

em condição peculiar de desenvolvimento e com prioridade absoluta” (Brasil, 1990, sp).

Atualmente, a infância é vista como um período de grande importância para o desenvolvimento humano, uma fase de descobertas, brincadeiras e aprendizado, na qual as crianças são consideradas como sujeitos com necessidades e desejos próprios. Nessa perspectiva, teorias sobre a população infantil como a psicanálise infantil e a pedagogia montessoriana, contribuíram para a construção de uma visão mais humanizada e respeitosa da infância. Porém, é importante considerar o impacto das novas tecnologias na vida das crianças, já que na atualidade elas crescem em um mundo digital, cercadas por dispositivos eletrônicos e com acesso a informações instantâneas. Essa realidade pode influenciar suas experiências, formas de aprender e interagir com o mundo e é esse nosso propósito de discussão nos tópicos seguintes.

3. O mundo digital: aliado ou oponente?

O mundo digital revolucionou a forma como vivemos, nos comunicamos e interagimos com o nosso entorno. Com o avanço da tecnologia, presenciamos uma rápida transformação que, nas últimas décadas, tem moldado o social com sua influência, chegando a uma sociedade conectada e globalizada, às vezes até demais. Essas tecnologias estão presentes em todos os aspectos da nossa vida, desde o trabalho, a educação, o entretenimento e relacionamentos pessoais.

São incontáveis as vantagens que esse mundo digital nos trouxe, como o acesso rápido à informação, comunicação, produtividade, organização, entretenimento, lazer, oportunidades, empreendedorismo, entre tantos outros assuntos. No entanto, apesar de tantos prós proporcionados pelo mundo digital, também enfrentamos desafios e preocupações. Tal situação está expressa na percepção é assunto de reflexões informais, das mídias de divulgação e também de pesquisas que vem sendo realizadas com relação aos impactos do crescimento do acesso e uso dos dispositivos digitais.

De acordo com os estudiosos, as crianças dessa era estão consumindo conteúdos que trazem influências significativas em suas vidas. A exposição a conteúdos online pode afetar seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social e comportamental e, ao frequentarmos a escola para a realização do projeto PIBID, é esse tipo de reação que estamos presenciando. Podemos considerar que tais

influências alteraram também o modo de ser criança, o que coloca um imperativo para que adultos - em especial, adultos educadores - ressignifiquem suas crenças a respeito da infância, reconhecendo e considerando as características do que é uma criança da atualidade.

David Buckingham (2007) discorre sobre a ideia das mudanças significativas nos costumes familiares comparando os tempos antigos e os dias atuais. Nesse sentido, o autor chega ao pensamento de que antigamente o tempo de lazer das crianças era menos privatizado do que hoje em dia, situação motivada pelo perigo que os estranhos passaram a transmitir de alguns anos para cá. Se antes o lugar de lazer era o espaço público, o autor observa que houve um deslocamento para espaços privados – primeiro, as áreas comuns de uma casa (como a sala de estar) e posteriormente, para cômodos mais privados (como o quarto de dormir), que passou a ser equipado como local de diversão (p. 47).

Na maioria das vezes, espera-se que a criança seja ativa, curiosa, criativa e autônoma em sua aprendizagem. Valoriza-se a sua capacidade de pensar criticamente, resolver problemas, trabalhar em equipe e se adaptar a diferentes situações e a ênfase da mediação dos adultos está menos em transmitir conhecimentos de forma passiva, mas sim em desenvolver habilidades cognitivas, emocionais e sociais, porém muitas vezes não é isso que presenciamos. Ao manter um contato com os estudantes, percebemos uma pressa em crescer e poder “ser adulto”. Pelo grande e frequente contato com o ciberespaço, as crianças estão perdendo as imaginações próprias da infância e se tornando impacientes, padronizadas. Sobre isso, Buckingham David discorre sobre a curricularização do lazer e seu direcionamento ao consumo, o que tem resultado num aparente desinteresse das crianças em serem crianças, precisando ser cada vez mais encorajadas a isso (Buckingham, 2007, p. 49).

O grande e frequente uso da tecnologia e de redes sociais como *Whatsapp*, *Instagram*, *Facebook* e *Tiktok*, de um tempo para a atualidade e principalmente na pandemia do COVID 19, gerou uma grande impaciência na sociedade, incluindo crianças e adolescentes, que se tornaram dependentes digitais em relação à educação, entretenimento e comunicação pela impossibilidade de sair de casa e viver em sociedade. Em nossas vivências ao longo dos 18 meses de PIBID e também nos espaços escolares proporcionados pela faculdade, pudemos observar a falta de paciência das crianças e dos jovens, que vai desde a dificuldade/incapacidade de

assistir vídeos maiores que cinco minutos na *internet* à negação da realização de atividades escolares, na qual é sempre solicitado por elas a via mais fácil, rápida e muitas vezes a resposta pronta.

Essa situação complexa pode ser uma das causas de uma queda significativa no desenvolvimento pleno da vida da criança, que passa a ser afetada de maneira cognitiva e social, tendo grandes dificuldades na realização de tarefas, no ato de estudar, ler, interpretar, afetando a dificuldade de concentração em tarefas básicas ou que exigem esforços cognitivos prolongados, incluindo também a socialização com o outro, fora do mundo virtual pois é bastante comum crianças e adolescentes que não interagem no mundo real, mas tem uma vida social intensa virtualmente, nas redes sociais ou no universo dos games, por exemplo.

Esses efeitos percebidos de forma empírica durante o tempo de convivência com as crianças na escola, durante a vigência do projeto, também já foram apontados em estudos sobre o tema.

Destacamos, nesse sentido, o trabalho de Nascimento, Rocha e Domingues (2024) em que os autores, por meio de uma sistemática revisão de literatura, relacionam os achados de pesquisas realizadas nos últimos dez anos e que versavam sobre os efeitos da exposição a telas eletrônicas em crianças de até 12 anos. Foram considerados trabalhos que considerassem tais efeitos do ponto de vista cognitivo, emocional e comportamental. Os resultados dessa pesquisa apontam a ambivalência do mundo digital, com potencialidades benéficas, mas também prejudiciais ao funcionamento executivo, às habilidades de leitura e ao desempenho acadêmico (p. 227). Os autores chamam a atenção para o desafio de encontrar abordagens equilibradas, desafio esse que interessa pessoalmente aos profissionais e pesquisadores da Educação.

Outro trabalho que merece destaque é outra revisão sistemática de literatura a respeito do uso das telas digitais. Esse estudo publicado por Nunes et al., 2024 buscou compreender como ocorrem os processos de desenvolvimento na infância, a partir da interação triádica entre criança - adulto - tela. O estudo compreende trabalhos publicados no período de 2017 a 2022.

Do ponto de vista dos impactos no desenvolvimento infantil, esse estudo também reitera a ambivalência do mundo digital. Os estudos que apontam os benefícios tratam sobretudo da possibilidade de ampliação habilidades linguísticas,

cognitivas, socioemocionais e motoras e de desenvolvimento de autonomia e protagonismo no desempenho acadêmico (p. 9).

Do ponto de vista do prejuízo, os estudos analisados apontam, além das questões relacionadas à segurança da criança, o eventual enfraquecimento do senso de identidade, pertencimento comunitário e memória coletiva, assim como impactos na qualidade do sono, favorecimento de sintomas depressivos e prejuízo linguístico, cognitivo socioemocional.

Vale ressaltar que as pesquisas analisadas nesse artigo relacionam a qualidade da relação das crianças com a tela com a qualidade da mediação de adultos no tocante a esse uso. Esse dado interessa a nossa pesquisa, uma vez que docentes podemos ser participantes desse processo. Daí a importância de melhor conhecer o mundo digital e seus impactos, bem como as crianças contemporâneas, em certa medida, constituídas por esse mundo, os conteúdos que dele consomem e os impactos sobre as crianças que são.

Buscando essa aproximação, na próxima seção, ensaiamos um movimento de análise, buscando tecer aproximações entre o descrito na literatura (e recuperado até aqui) a respeito do novo modo de “ser criança” – e suas interfaces com o mundo digital – com a observação da realidade da infância, no contexto escolar capturado durante a atuação de duas bolsistas de iniciação à docência do Programa de Iniciação à Docência (PIBID – UFU), subprojeto Pedagogia/Educação Física.

4. Expressões infantis: tecendo aproximações

Nessa seção, conforme anunciado, trataremos de tecer aproximações entre o que a literatura trata a respeito da constituição da infância, os impactos que o mundo digital pode ter sobre esse constructo, por meio de cenas observadas por duas *pibidianas* durante o tempo de permanência na escola, em função do Projeto. Com esse movimento, pudemos identificar indícios dessas influências e projetar eventuais consequências para o desenvolvimento infantil. Falamos de indícios, por considerarmos a limitação desse estudo (em função do tempo, do tipo de pesquisa e da amostra de dados que temos) que pretende apontar pistas e levantar provocações para os jovens docentes que encontrarão na escola tanto as crianças, quanto as telas e seus conteúdos.

Para isso, apresentaremos brevemente o percurso metodológico realizado, passando em seguida para a análise dos dados selecionados para essa reflexão.

4.1 Apontamentos sobre a metodologia adotada

“Tomar nota” é um termo utilizado para anotações breves, porém necessárias. Pode parecer algo simples, mas é uma tarefa complexa que exige observações, reflexões e, de certa forma, um incômodo, que tem sua proporção significativa a ponto de fazer com que tomemos a decisão de registrar (ou não) determinado momento. Anotar situações e pensamentos nos ajuda a, em um momento futuro, ter uma visão mais abrangente e completa de certas situações.

Foi essa perspectiva que nos fez chegar à temática do artigo atual. Isso ocorreu porque é de comum senso da dupla composta por nós, *pibidianas*, que nossas anotações, baseadas nas observações realizadas no período de novembro de 2022 a abril de 2024, momento em que frequentamos as aulas de Educação Física para a realização do PIBID, convergem indiretamente para a mesma temática dentro do mesmo contexto; temática essa que nos fez refletir várias vezes sobre nossas concepções do conceito de infância. Essas observações, além de anotadas em nossos diários de campo, foram objeto de constantes reflexões nas reuniões da equipe, que sempre contava com a presença de todas as *pibidianas*, o professor supervisor e as coordenadoras de área: as crianças que encontramos na escola eram bastante diferentes daquelas que habitavam nosso imaginário.

Para a realização das anotações do dia a dia na escola foi utilizado pelas *pibidianas*, o chamado caderno de campo (também chamado de nota de campo ou diário de campo). Para a elaboração do mesmo, atentamos para os passos descritos por Bogdan e Biklen (1994, p. 50) para uma nota de campo, a saber, a escrita após o retorno de cada ida a campo, com cuidadosa descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas; registro de ideias, estratégias, reflexões, palpites e padrões emergentes.

O material é de uso pessoal, isso significa que cada bolsista realizava suas anotações pessoais, com opiniões, sugestões ou críticas, porém em sua composição padrão contém local, data, horário, turma e, em casos específicos, os estudantes envolvidos – informações observadas em todos os cadernos de campo produzidos pelas bolsistas.

Buscamos trabalhar com base em métodos qualitativos de observação que entendemos, como Heraldo Marelím Vianna discorre em seu livro “Pesquisa em Educação: A observação” (2007, p. 83) como métodos que “procuram ir além da superfície dos eventos, determinar significados, muitas vezes ocultos, interpretá-los, explicá-los, e analisar o impacto na vida”. A partir da observação ampla do espaço escolar e das relações que nele ocorrem, no decorrer do PIBID, passamos a focar questões de maior interesse para nós e, a partir desse movimento, passamos a realizar a observação seletiva que, evidentemente e repetidamente, nos levavam a temática da concepção de infância. A temática ganhou ênfase na nossa atenção, fazendo com que nós, *pibidianas*, passássemos a analisar essas situações à luz de algumas teorias ou avaliação de conteúdos.

A natureza dessas anotações se constitui de falas de crianças de 6 a 10 anos, que estão cursando entre o 1º e o 4º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola da rede estadual, no município de Ituiutaba – MG, onde o PIBID atuou de setembro de 2022 até abril de 2024. Na maioria das vezes, essas crianças estavam na aula de Educação Física, ou então andando pela escola na tentativa de fugirem de suas aulas de outras disciplinas.

Na sessão de análise dessas falas, as crianças serão representadas por letras, na ordem alfabética e a identificação de referência contará com o modelo “Caderno pibidiana 1 - Criança B, idade, 02/09/2023”, ou seja, a primeira informação será a identificação do caderno das *pibidianas* a partir de seus pseudônimos, em seguida será a letra que irá representar a criança juntamente com sua idade e por último a data em que a situação ocorreu.

4.2 O que nos indicam as crianças? Análise dos registros coletados

Dentre as diversas falas registradas nos cadernos das *pibidianas*, para este artigo, selecionamos aquelas que nos ajudam a responder às questões que aqui perseguimos, sintetizadas na pergunta que dá título à essa escrita, a saber, “quem é a criança que nos aguarda na escola atual?” No que se segue, apresentaremos falas dos/as alunos/as em que reconhecemos indícios que nos permitem reconhecer algumas características da infância contemporânea.

A primeira fala que destacamos é a da Criança A, quando o professor de Educação Física propôs uma aula com a amarelinha tradicional e mais uma variação da mesma. Ao ser direcionada para a brincadeira, sua reação foi inusitada. Com tom

de deboche disse: “Em pleno 2023 e eu tendo que pular amarelinha” (Caderno PIBIDiana 1 - Criança A, 8 anos, 07/02/2023). No primeiro momento, ouvir essa frase soou como um choque de realidade. Foi dita por uma menina, que estava vestida com uma calça jeans estilosa, brincos grandes de argola, inúmeras pulseiras de miçanga nos braços e um *cropped* rosa. Sua aparência e seus trejeitos representavam uma adolescente, quando na verdade estamos falando de uma aluna de 8 anos.

Quanto a essa criança, em primeiro lugar, é justo considerar que, se a expressão dela nos causou impacto, muito se relaciona ao referencial e a idealização de infância que tínhamos construindo a partir de nossas próprias infâncias. Isso deveu-se, pois, “o sentido do que somos depende das histórias que contamos a nós mesmos [...], das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (Larrosa, 1999, p. 52). Desse modo, compreendemos a impossibilidade da imparcialidade e da neutralidade, uma vez que, observamos as ações da Criança A tendo em vista a nossa própria experiência como ponto de partida para as interpretações iniciais que traçamos sobre ela. No entanto, para além de uma visão de infância que espelhamos no primeiro contato com essa criança (e as demais que acompanhamos no período de atuação no PIBID), é importante levar em conta os trejeitos e além disso, o tom de fala da Criança A, ao se referir a brincadeira proposta.

Ao pensar sobre a vestimenta e os acessórios da aluna em questão, nos associamos às análises iconográficas de Ariès, que percebeu que as crianças se vestiam e se portavam como adultos, pois eram vistos e tratados socialmente como adultos em miniatura. Associar um pensamento que faz referência à criança de tempos tão remotos, neste caso não nos parece imprudência. Isto porque, mesmo em contextos diferentes, ao se vestir como se tivesse mais idade, não é impossível percebermos um encaminhamento ao encurtamento da infância da Criança A, assim como acontecia na era medieval, com as crianças que se tornavam independentes de suas mães ou amas.

Diante dessa interpretação, nos perguntamos: Então como devem se vestir as crianças atualmente? À essa indagação, pensamos ser as respostas subjetivas, pois dependem do gosto das crianças e do que seus responsáveis consideram coerentes que elas vistam. No entanto, o que se deve considerar é que se a criança se veste de certa forma, é porque recebeu influências do meio, seja pelas relações familiares, nas relações com seus pares ou ainda pelas mídias digitais. Desse modo, entendemos

que a forma como a criança A se vestiu, é uma materialização das influências que recebeu e o indício de que a infância brincante vai perdendo espaço para a pré-adolescência.

É possível inferir que estamos diante da adultização, que em sua versão contemporânea, pode ser atribuída, entre outros fatores, à influência da mídia (Costa Neto, 2023, p. 104). O autor associa também a esse fenômeno ao processo de desaparecimento da infância, também possível ser vislumbrado na cena descrita em que a criança parece julgar impróprio um comportamento propriamente infantil como o brincar.

A infância que vai sendo adormecida na criança A, também foi percebida no tom que ela se referiu à brincadeira amarelinha. Uma expressão que nos conduz a pensar que a brincadeira já está ultrapassada ou que não lhe interessa mais. A criança que anos antes certamente gostaria dessa proposição de atividade - a amarelinha, e de outras atividades que mobilizam o corpo (correr, pular, dançar etc.), vai dando lugar a uma criança que já começa a ser vista como pré-adolescente e que não tem mais vontade de movimentar intensamente seu corpo.

O movimento corporal é de extrema importância para o desenvolvimento físico, motor e cognitivo do ser humano, já que os gestos e movimentos são fundamentais para a preparação e estruturação do ser humano. Não se movimentar, portanto, pode ter impactos no desenvolvimento da aprendizagem integral.

Outra fala coletada e registrada no caderno de campo da pibidiana 1 ocorreu durante outra aula de Educação Física. O professor sugeriu a brincadeira “O mestre mandou” e no decorrer da aula ia escolhendo alunos para serem os mestres. Quando chegou a vez da criança B, a mesma não tinha entendido a brincadeira, então questionou o que era para ser feito e, ao ser explicado que ela deveria realizar algum movimento para que os demais alunos participantes da brincadeira a imitassem, disse enquanto encenava: “Fazer uma imitação estilo mímica? Tá... Desenrola, bate, joga de ladinho” (Caderno pibidiana 1 - Criança B, 7 anos 14/02/2023).

A aluna, ao ser provocada para a brincadeira, usou a coreografia popular da música “Desenrola, bate, joga de ladinho”, lançada em 2022 pelos cantores DJ Bel da CDD, L7nnon e o grupo Os Hawaianos, denominados artistas da atualidade, que compõem músicas ambíguas com conotação sexual. Tal música, que não deveria ser consumida por crianças da faixa etária da Criança B, estava, porém, em forte

evidência das redes sociais citadas no tópico anterior e que possuem um grande público infantil.

Ao observar tal atitude lembramos das reflexões de David Buckingham sobre a morte da infância que vem através da ideia de que as crianças estão crescendo, nas palavras do autor, privadas da infância. Segundo ele, “ao longo das últimas três ou quatro décadas, argumenta-se, houve uma mudança radical no modo como a sociedade trata as crianças e no comportamento delas próprias” (Buckingham, 2006). Essa mudança se deve, segundo o autor, ao alto e excessivo acesso a violência e a atividade sexual, concordando com Winn (1984), que os pais recursos de que os pais dispõem para controlar a exposição dos seus filhos a conteúdos dos quais gostariam de preservá-los não são necessariamente eficazes (Buckingham, 2006, p. 19).

Assim, a segurança que aparentemente caracterizavam a experiência da infância nas gerações anteriores vêm se perdendo. Seguindo o raciocínio do autor, tal segurança vem se revelando defasada em relação a onipresença das tecnologias, que atua na transformação das relações sociais, das concepções de cultura e conhecimento e da denotação do que é ser criança, ou do que é infância.

Na situação analisada, podemos observar na prática como as mídias digitais atuam. Entre inúmeras possibilidades de movimentos que poderiam responder à demanda colocada pelo professor, ao ter que pensar e agir de maneira instantânea, o que a criança mobilizou foi um conteúdo amplamente divulgado nas mídias digitais que, embora possa ser classificado como impróprio para a sua idade, faz parte do seu repertório cultural ativo.

Outra questão que consideramos importante destacar é o fato de que as crianças estão sendo expostas a situações que as fazem estar ‘emocionalmente prontas’ para determinadas situações que exigem um certo grau de maturidade, não considerando que o amadurecimento humano é um processo lento que exige um tempo específico e individual. Podemos considerar que está é outra face do processo de adultização que já viemos de mencionar, em que as crianças são expostas a conteúdos inapropriados, seja em sua vida cotidiana ou digital e, com a alta frequência ao mundo eletrônico, o controle da parte dos pais se torna uma tarefa que exige cada vez mais atenção.

Sobre isso, Buckingham chama a atenção para o uso dos equipamentos eletrônicos como ‘babá eletrônica’ por um número muito grande de pais.”. Na mesma medida que utilizam das telas de maneira favorável a si mesmos – como um recurso

para distração e entretenimento, enquanto realizam alguma tarefa cotidiana – cometem um desfavor ao desenvolvimento de suas crianças. Corroborando esse alerta de Buckingham, o trabalho de Nunes et al. (2024, p. 10) que na revisão de literatura realizada apontam que grande parte dos estudos que apontam efeitos negativos do acesso de crianças às telas, associam os mesmos a falhas no acompanhamento e mediação dessa relação por um adulto.

Outra observação registrada no diário de campo da pibidiana 2 aconteceu durante outra aula de Educação Física. O aluno que proferiu a fala que destacamos a seguir, estava passando pela quadra, fora do seu horário de aula daquela disciplina, e se entretinha com os demais alunos. Ao dialogarem sobre o que gostariam de ser quando crescessem, a criança disse: “Eu quero ser youtuber ou tiktokker quando crescer. Não preciso estudar. Meu pai vai me dar uma câmera pra gravar vídeos” (Caderno pibidiana 2 - Criança C, 8 anos, 25/05/2023).

Reiteramos por essa expressão o inacabamento humano, que faz da infância uma construção social permeada de ressignificações a cada contexto. Considerando, pois, o cenário digital,

[...] a criança de hoje é influenciada por diferentes mídias e convive naturalmente com todas elas. A vida desde cedo, é permeada pela televisão, pelo videogame, pelo computador, pela internet e por outros recursos eletrônicos [...] (MARANGON, 2011, p. 40).

Assim, é sob influência do contexto em que estão inseridas, que as crianças vão construindo suas referências e aspirações, bem como expressou a criança C.

Na frase da aluna C podemos observar a aspiração profissional supostamente moderna, pois a criança expressa o desejo de se tornar um youtuber ou tiktokker, refletindo a influência da cultura digital e das mídias sociais em suas aspirações profissionais. Isso indica como as profissões e formas de entretenimento do mundo estão se adaptando às tendências contemporâneas. A declaração de que ela não precisa estudar porque seu pai lhe dará uma câmera para gravar vídeos sugere uma percepção sobre o caminho para o sucesso nesse campo específico. A criança parece acreditar que a obtenção de uma câmera é suficiente para iniciar uma carreira de criador de conteúdo online, subestimando a importância da educação formal e das habilidades necessárias para ter sucesso na área. As profissões que envolvem o mundo digital se tornaram “referência” para essas crianças, possivelmente, por permitirem que eles sejam conhecidos, admirados e imitados. Hoje, está em voga

quem (e o que) aparece nas mídias digitais, uma vez que, ao que podemos observar, cada vez menos gente vê televisão, mas sim se entretém nos diversos canais das redes sociais/mídias digitais.

A maneira que a criança pronuncia a frase nos leva a pensar que a mesma vê o trabalho com as mídias sociais como cômodo e fácil em detrimento do que é penoso e árduo de ser percorrido. Desse modo, em seu imaginário, do lado “fácil e prazeroso” se encontra a carreira de internauta, enquanto o caminho difícil de ser trilhado são os processos escolares. A fala da criança C nos mostra que sua intenção através de sua fala é escolher uma carreira para a qual não precise estudar, pois com uma câmera digital a mesma vê uma oportunidade de futuro.

Além disso, o reconhecimento e a admiração conquistados através dessas plataformas criam uma percepção de sucesso que pode superar, aos olhos da criança, a necessidade de uma formação educacional tradicional e das habilidades adquiridas por meio dela. Vieira e Leão (2020), em seu artigo sobre a ascensão dos *Youtubers* mirins chama a atenção para esse aspecto. Para as autoras, para além da lógica do consumo, ao utilizarem suas qualidades para captar e manter a audiência, os *Youtubers* mirins direcionam-se ao olhar alheio, numa busca por aceitação e por relações afetivas com a sua audiência, formada, prioritariamente, por outras crianças, numa nova forma de fazer amigos.

A última fala que registramos aconteceu no final de 2023, quando, ainda na aula de Educação Física, o professor estava ensinando os fundamentos do jogo de vôlei. Uma aluna saiu da linha limite da quadra e, ao caminhar em nossa direção, perguntou se queríamos ver uma apresentação de dança que ela tinha ensaiado no dia anterior. Afirmamos com a cabeça positivamente e ela encenou uma coreografia disponível no TikTok. Nós, *pibidianas*, ficamos olhando em silêncio e depois nos encaramos. Ao observar nossas reações a aluna disse: “É, tia. Criança de 2023 é assim. É TikTok, é Instagram, é Kwai” (Caderno pibidiana 1 - Criança D, 8 anos, 04/12/2023). A interação da aluna com as mídias sociais através de referências ao TikTok, Instagram e Kwai ilustra a natureza intrínseca da tecnologia em suas vidas. Esta última fala, carregada de naturalidade e confiança, sintetiza o cenário contemporâneo em que as crianças estão imersas, onde as fronteiras entre o físico e o digital se tornam cada vez mais sutis. A colocação dessa criança e das anteriores nos permitiram perceber que o público ao qual nos destinamos é formado por pessoas consideradas por Prensky (2001) como sendo nativos digitais, portanto suas ações,

expressões, brincadeiras, formas de entretenimento, referências e aspirações estão intimamente relacionadas aos conteúdos que exploram nas mídias digitais. Portanto, a expressão utilizada traz respostas à indagação que baseou todo o percurso deste trabalho, compreender quem é a criança que nos aguarda enquanto futuras pedagogas na escola atual.

5. Considerações finais

As reflexões aqui relatadas são o fruto da nossa inserção na escola por meio do PIBID, mas também dos estudos teóricos que foram motivados pelas contradições que percebemos entre os imaginários com os quais chegamos à escola e a sua realidade cotidiana, partindo da evolução das concepções de infância, (Ariès, 1981) chegando até as compreensões de Buckingham (2007) acerca das influências contemporâneas do mundo digital sobre as crianças.

No contexto das observações realizadas, ficou evidente o acesso das crianças a uma vasta gama de informações veiculadas nos meios digitais e os impactos que tal acesso, se não estiver inserido em uma abordagem equilibrada (como sugerem Nascimento, Rocha e Domingues, 2024) e numa relação triádica de qualidade entre criança-adulto-tela (Nunes et al, 2024), podem ter sobre o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e acadêmico/escolar das crianças.

Utilizamos uma abordagem teórico-metodológica que combinou a revisão da literatura especializada com a análise de dados empíricos coletados no campo, que nos permitiu localizar, entre os impactos possíveis, a adultização precoce (e a consequente perda da infância) materializada em comportamentos como a rejeição ao brincar, o portar-se/vestir-se/expressar-se como adulto. Outro fenômeno que os dados nos indicaram foi a permuta das carreiras de trabalho tradicionais pela de *youtuber* ou *tiktoker*, fenômeno também em outros trabalhos como o de Vieira e Leão (2020), com impactos diretos sobre as relações que as crianças estabelecem com a escola e seus saberes, o que sem dúvida coloca aos educadores e educadoras um enorme desafio para o cumprimento da tarefa de ensinar.

Em síntese, os indícios encontrados nos dados permitem considerar que contato precoce, intenso e sem a devida mediação, com conteúdos digitais pode modificar o comportamento infantil e influenciar sua visão de mundo e suas aspirações.

Com esse trabalho, pretendemos agregar contribuição ao necessário olhar – afastado de nossos imaginários e reminiscências acerca da infância - para a criança que nos aguarda na escola atual. Consideramos que esse olhar seja fundamental para orientar a prática docente e construir situações equilibradas em que a tecnologia seja explorada em suas boas potencialidades, resguardando o direito das crianças a uma infância plena, onde o brincar, o sonhar e o aprender sejam experiências constitutivas.

Referências

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto editora, 1994.
- BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: < https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf > Acesso: 08 de abr. 2024.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BUCKINGHAM, D. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2007.
- COSTA NETO, A. L. Os impactos sociais da publicidade e consumo infantil no Brasil. **Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica**. v. 9, n. 1, p. 93–109, Jan/Jun. 2023.
- ESCOLA ESTADUAL JOÃO PINHEIRO. **Projeto Político Pedagógico - PPP**. Ituiutaba, 2022.
- ESCOLA ESTADUAL JOÃO PINHEIRO. **Regimento escolar**. Ituiutaba. 2022.
- FERNANDES, R. KUHLMANN J. M. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **A infância e sua educação – materiais, práticas e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GOV. **Guia explica a classificação do audiovisual por idade**. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/guia-explica-a-classificacao-do-audiovisual-por-idade>>. Acesso: 07 de abr. 2024.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte, 1999.
- TECNOBLOG. **Instagram: o que é, história e como funciona a rede social**. 2023. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/instagram-o-que-e-historia-e-como-funciona-a-rede-social/>>. Acesso: 10 de abr. 2024.
- MELO, J. Breve histórico da criança no Brasil: conceituando a infância a partir do debate historiográfico. **Revista Educação Pública**, v.20, nº 2, 2020.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- NASCIMENTO, W. C; ROCHA, S. L.; DOMINGUES, R. J. S. Explorando os efeitos da exposição às telas eletrônicas no desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças até 12 anos: uma revisão sistemática da literatura. In: **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 7, n.1, p.213-231, jan./fev.,2024.

NUNES, T. A. R., SANTOS, A. R. T., LIMA, M. T. da S., NEGREIROS, F., FORMIGA SOBRINHO, A. B. (2024). Revisão sistemática sobre o uso de telas digitais na interação triádica criança-adulto-tela. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 24(2), 1–13.

OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19.** 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2011%20de%20mar%C3%A7o%20de,pa%C3%ADses%20e%20regi%C3%B5es%20do%20mundo.>> Acesso em: 4 abr. 2024.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants.** Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em 5 abr. 2024 >

SANTOS, B. R. **Impasses da Cidadania.** Ibase. Rio de Janeiro, 1998

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361 – 378, 2005.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: A observação.** Brasília: Plano Editora, 2003.

VIEIRA, M. C.; LEÃO, D. C. L. Youtuber Mirim e Eu Digital: trajetórias e interações mercadológicas e comunicacionais. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 207-222, 2020.